



Entrevista – Neiva Rech

Entrevista – Neiva Rech

Interview - Neiva Rech

Elizabeth Pigozzo e Simone Sandi

Resumo

Esta entrevista visa compartilhar as vivências projetivas de Neiva Rech em suas atividades de acolhimento e encaminhamento de consciências recém-dessomadas. Usufruir de seus conhecimentos é oportunidade de esclarecimento e preparo para a dessoma com maior lucidez.

Palavras-chave: acolhimento pós-dessomático; assistência; dessoma; para-hospital; projeção consciente.

Resumen

Esta entrevista busca compartir las vivencias proyectivas de Neiva Rech en sus actividades de acogida y encaminhamiento de conciencias recién desomadas. Disfrutar de sus conocimientos es una oportunidad de aclaración y preparación para la desoma con mayor lucidez.

Palabras clave: *acogida post-desomática; asistencia; desoma; para-hospital; proyección consciente.*

Abstract

This interview seeks to share the projective experiences of Neiva Rech in her activities of reception and routing of recent-desomants consciences. Enjoying her knowledge is an opportunity for clarification and preparation for desoma with greater lucidity.

Keywords: *assistance; conscious projection; desoma; para-hospital; post-desomatic reception.*

INTRODUÇÃO

Neiva Rech é natural de Caxias do Sul/RS. Graduada em Licenciatura em Letras, foi secretária executiva e trabalhou por 10 anos em empresa do setor industrial. Atualmente está aposentada. É voluntária do IIPC desde janeiro de 2011, atuando, hoje, na área de *telemarketing*. É tenepessista e docente de Conscienciologia, ministrando os cursos CIP, Assistenciologia e Pacifismologia, além de palestras gratuitas.

No estado projetado, a entrevistada declara ter atuação lúcida e frequente em atividades assistenciais de recepção e acolhimento pós-dessomático.

Na convivência cotidiana com Neiva, em atividades do voluntariado e da docência no IIPC, o realismo e a riqueza de detalhes que confere em seus relatos assistenciais projetivos chamam a atenção, motivo que nos estimulou a fazer esta entrevista.

O tema assistência pós-dessomática é relevante no âmbito da Conscienciologia, envolvendo diversas de suas especialidades: Assistenciologia, Consciencioterapia, Dessomática, Extrafisiologia, Intermisiologia e Projeciologia, dentre outras. Mesmo constituindo temática importante, há ainda poucos estudos e relatos de experiências relativos à assistência aos recém-dessomados em para-hospitais dentro da literatura conscienciológica.

Deste modo, o compartilhamento das experiências da entrevistada pode contribuir para o aprofundamento das pesquisas nessa área. A entrevista foi a forma escolhida para apresentar as vivências de Neiva, possibilitando entendê-las de maneira mais global.

ENTREVISTA

1. Quando iniciou sua trajetória parapsíquica?

Quando pequena, repetidamente me via no porão de casa, em um buraco. Levava pessoas e as protegia, dava-lhes comida. Entendia estes eventos como sonho ou pesadelo. Às vezes, aparecia cobra, animal do qual tenho medo. Acordava chorando, chamando meu pai para matá-la.

Aos 12 anos tinha projeções, mas considerava-as sonho pesadelar, pois não havia alguém para dividir a experiência e me esclarecer. Aos 30 anos de idade, mais madura, comecei a vivenciar fenômenos parapsíquicos e ter projeções relacionadas com a dessoma de familiares e amigos.

Em agosto de 2010, fiz o Curso Integrado de Projeciologia (CIP) do IIPC em Caxias do Sul, quando me conscientizei que experimentava vivências multidimensionais. Somente em 2014, já na docência conscienciológica, buscando aprofundar o conhecimento sobre o descarte do corpo físico, identifiquei serem essas experiências assistenciais, constituindo-se a meu ver em cláusulas de minha proéxis, por se relacionarem à especialidade do curso intermissivo do qual tive retrocognições.

2. Quais atividades extrafísicas você costuma trabalhar?

Costumo trabalhar com amparadores especialistas em recepções de consciexes recém-dessomadas. Também amparada, atuo na condição de professora em cursos extrafísicos preparatórios de conscins para a dessoma. Geralmente, o público dos cursos tem ligação com meu grupocarma.

3. Que fatos deram indícios de sua especialidade de proéxis?

Tenho lembrança de assistências extrafísicas, mais ligadas à dessoria, há aproximadamente 18 anos. Na época, as lembranças vinham em *flashes* e eu não as valorizava como sendo assistência de fato, por falta de conhecimento.

Depois de ter feito o CIP comecei a estudar sobre o assunto e trocar ideias com outras pessoas que também tinham este tipo de projeção. Disponibilizei-me lucidamente para a assistência extrafísica no processo da dessoria, considerando a hipótese de ser parte da minha proéxis.

Quando assumi tal responsabilidade, tive a oportunidade de acessar o aprendizado obtido no curso intermissivo, onde via-me quando era consciex estudando sobre o assunto da dessoria e indo para o intrafísico participar da equipe de amparadores que ajudavam conscins ao dessorar. Eis alguns exemplos de minha atuação nesta modalidade de assistência:

Em 2013, vi-me no extrafísico auxiliando consciex, irmão de amiga. Chamava-o pelo segundo nome, o qual não era conhecido por mim. Encontrei-o em enorme pronto-socorro extrafísico, em uma cama. Levei-o ao para-hospital onde eu trabalhava 6 noites por semana, desde 2012. Lá ele ficou por uns 3 meses. Acompanhei, em projeções lúcidas, seu processo de recuperação, visitando-o. Conversávamos a respeito da sua nova vida no intermissivo, até ele estar pronto para a recepção pós-dessomática. A recepção foi em forma de banquete, na qual, além de mim, participaram seus familiares em estado projetado e os já dessorados.

Neste mesmo ano, no velório de um tio, vi sua recepção pós-dessomática, através de clarividência viajora. Familiares e amigos dessorados foram dar as boas-vindas no para-hospital onde o tio se encontrava. Naquele momento, tive clariaudiência do amparador de função, avisando-me que o havia ajudado na dessoria e o levado ao para-hospital. A clarividência e a clariaudiência são fenômenos que tenho regularmente.

Depois destes 2 casos específicos, as experiências passaram a se intensificar e a sair do âmbito familiar e de conhecidos, alcançando outras pessoas, notadamente quando era comentado em minha presença sobre alguém em fase de dessoria.

Profissionalmente, no intrafísico, exercia atividade repetitiva na produção de linha de fabricação. Algumas vezes, percebia-me mecanicamente alimentando a máquina e, ao mesmo tempo, via-me em um contexto cirúrgico: o médico entrando, tentando ressuscitar o paciente, em momento de tensão. O psicossoma do paciente habitualmente pairava próximo ao teto. Atuava em conjunto com outra consciência amparadora não visualizada, apenas percebia a presença. Tal consciex esclarecia o paciente sobre as ações ainda a fazer, mas ele podia escolher entre dessorar ou continuar na vida intrafísica. A vivência deste tipo de experiência era frequente. Costumava contá-las para os professores de Conscienciologia de Caxias do Sul. Eles me alertavam sobre o perigo de acidentar-me no trabalho, mas a descoincidência era tão espontânea que não considerava a possibilidade.

Após algum tempo, em 2014, iniciei a docência no IIPC na condição de professora de CIP,

quando adquiri mais autoconfiança e conhecimento sobre minhas experiências. Passei, então, a dar aula no extrafísico, juntamente com uma consciex, sobre dessora. A aula ocorria todas as quintas-feiras, às 23h30. Em uma destas oportunidades, vi meu pai, ainda conscin, e meu irmão enfermo chegando ao curso. Fiquei assustada, porque pensei se ambos estavam lá na condição de pré-dessomantes. Reconhecia no dia-a-dia outras consciens projetadas que frequentavam as aulas, lúcidas no extrafísico, porém sem rememoração no intrafísico.

Em 2015, meu pai foi internado e quando, em determinado dia, eu estava cuidando dele, o médico sugeriu chamar os familiares, pois ele estava para dessorar. Após avisá-los, sentei-me na cadeira e cochilei. Ouvi meu pai perguntando por onde iria sair, se era pela janela ou pelo teto. Eu, sem lucidez, respondi que, quando ele estivesse melhor, iríamos sair pela porta. Mais tarde vieram os enfermeiros e constataram sua dessora. No velório, senti o frontochacra ampliado e vi diversas consciexes, alguns vizinhos, parentes, minha mãe já dessorada há 13 anos, com aparência bem mais jovem, e o meu pai, em uma cama do para-hospital. Ele levantou-se, sentou em uma grande mesa, onde foi servida sopa de *agnolini* em tigela branca, caracterizando sua recepção extrafísica.

4. Você já viu recepção pós-dessomática sendo realizada para outras consciências?

Sim, diversas vezes. Participei, por exemplo, da recepção de ex-aluna de um CIP. Fui buscá-la no quarto extrafísico e, por ser ela era muito vaidosa, estava maquiando-se contente em colocar o vestido reservado para ela pelos amparadores, de cor vermelho florido. Levei-a para a recepção, onde sobre a mesa tinha grande variedade de bolos tipo cuca, para todos os gostos. Ela comentou não haver a cuca feita pelo seu marido no intrafísico. Imediatamente, foi plasmada uma com as mesmas características, deixando-a contente. As outras consciexes presentes também comiam, não sei se por fazerem parte do parapsicodrama ou por baixa lucidez.

Participei, em outra ocasião, quando a senhora dessorada foi recebida por conhecidos com chimarrão, e reclamou sobre a falta do enfeite habitualmente colocado em cima da erva.

Cada consciex tem recepção personalizada. Quando associada à alimentação, geralmente é acolhida com o alimento preferido no intrafísico. Nestas recepções, os “agrados” tinham o objetivo de acolher e começar a esclarecer para a consciência que sua vida continuava.

5. Para todas as pessoas ocorre a recepção pós-dessomática?

Nos casos acompanhados por mim, a maioria das pessoas, já no para-hospital, durante o tratamento, apresentavam certo nível de lucidez para o entendimento de ideias mais avançadas durante as conversas ocorridas nas visitas feitas por mim enquanto projetada, de modo a ficarem prontas para a segunda dessora. Em algumas situações, visualizei consciexes sendo levadas para colônias extrafísicas.

6. Que outro tipo de recepção pós-dessomática você acompanhou?

Devido a ainda possuir resquício energético belicista, identificado em projeções retrocognitivas, são encaminhadas para minha tenepes muitas consciexes com uniforme de soldado, e seus familiares. Um exemplo é o caso de consciex, ex-comandante militar, que viu seus soldados morrendo em explosões de bombas no confronto com o inimigo. Estava muito triste por ter falhado e não os ter protegido. Percebi, por diversas vezes, a tentativa dos amparadores em resgatar o comandante, mas não conseguiram devido ao seu sentimento de culpa.

Observei muitos soldados, quando acolhidos, terem suas vestes militares retiradas através da exteriorização de energia, sendo plasmadas novas roupas. Quando reencontram no extrafísico seus amigos, já presenciei, são recepcionados com banquete onde há algum alimento de referência, por exemplo: peixe, algas e bolinhos de arroz para os japoneses; *cheseburger*, batata-frita e coca-cola para os norte-americanos.

Quando acompanho a consciência após a dessoma e vejo o alimento fazer parte do processo de acolhimento, seja no para-hospital ou na recepção, entendo ser porque a consciex ainda não passou pela segunda dessoma e permanece condicionada à necessidade de comer, ou porque a comida, no intrafísico, tinha a função de conforto, acolhimento, compartilhamento, confraternização, e os amparadores utilizam esse artifício para ir predispondo a recém-consciex para os trabalhos a serem feitos com ela nesta nova condição. A região onde habito tem forte cultura associando acolhimento à alimentação e minha afinidade com este padrão pode ser também causa de estar presente em tais contextos extrafísicos.

7. O que possibilita a ocorrência da recepção pós-dessomática?

A recepção habitualmente é possível quando a consciex tem o mínimo de lucidez para entender a necessidade de se desapegar de qualquer tipo de vínculo intrafísico. Em algumas situações, ela é levada aos para-hospitais, onde fica muito tempo entendendo todo o processo: o acontecido, as pendências deixadas, o que poderia ter evitado, porque desenvolveu certa doença, como sucumbiu à influência do assédio extrafísico, enfim, quais fatores a conduziram à dessoma. Às vezes, são pequenos apegos mantenedores de estagnação. Elas precisam refletir sobre desapegar do intrafísico, quer seja objeto, pessoa ou circunstância. Em alguns casos, elas mesmas ensinam aos familiares o desapego. Outras precisam entender o perdão e fazer a reconciliação com as consciências de convívio. Os psicodramas parecem ser paratécnicas utilizadas em muitas situações.

8. O que pode dificultar o acesso ao auxílio pós-dessomático?

Uma dificuldade a ser citada é quando a consciex, logo após a dessoma, procura por ambientes assemelhados aos quais vivia no intrafísico, transformando, através do morfopensene, o ambiente

extrafísico conforme sua vontade patológica. Há também os casos onde a consciex permanece junto ao ambiente intrafísico de origem, em estado de parapsicose pós-dessomática, recusando-se a ser assistida.

Há casos em que a consciex sendo atendida no para-hospital, por evocação dos familiares, retorna a sua antiga casa, onde permanece algumas vezes por longos períodos. Tive experiência com determinada consciex durante seu processo de refazimento pós-dessomático no para-hospital, quando, devido às contínuas evocações dos familiares, retornou ao ambiente intrafísico, onde começou a sentir no psicossoma os sintomas da doença com a qual tinha dessomado, em estágio mais avançado. Neste caso específico, fui buscá-la naquele local juntamente com o amparador para levá-la de volta e continuar sua reabilitação no para-hospital.

9. Você já observou algum tipo de paramedicação?

Já presenciei consciex recém-dessomada despertar no para-hospital usando aparelhagem médica de forma semelhante a quando estava em hospital intrafísico. Também observei paramedicação na forma de comprimido, soro ou injeção, morfopenses gerados por ectoplasma doado por conscins projetadas, simulando medicação intrafísica. Isto contribui para a consciex ficar mais serena e começar a ter lucidez do seu estado atual no extrafísico.

10. Como você reconhece trabalhar em um para-hospital?

No final de 2012, tive projeção na qual o amparador me levou a determinado lugar extrafísico e disse-me ser um para-hospital. Ele me informou sobre a conduta a ser assumida pois eu passaria a levar para lá as consciexes assistidas por mim, para prosseguir com sua recuperação.

No local, observo a existência de variada tecnologia em todos os ambientes, tanto para a recuperação quanto para o esclarecimento das consciexes enfermas. Todos nós *trajamos* roupas brancas, com calça, camiseta e jaleco.

Minha função é exteriorizar energias para o ambiente onde as consciexes estão, para elas serem assistidas. Tenho o entendimento de que faz parte de minha próxis esta atividade extrafísica, estar lá ajudando. O referencial é o trabalho.

Algumas consciexes continuam sofrendo, como no intrafísico, e precisamos auxiliá-las. Quando são esclarecidas, algumas ficam perdidas, porque não sabem o que irão fazer. Muitas vezes, chegam com a ideia de ao morrerem tudo acabar. Muitas consciexes tratadas no para-hospital são enviadas para colônias extrafísicas, com consciências afins, e iniciam o preparo para a próxima ressonância.

11. O para-hospital em que você trabalha é sempre o mesmo?

Sim, e penso ser muito avançado. Há consciexes dando ensinamentos sobre energias; há grandes painéis onde é ensinado a fazer o estado vibracional e, conforme a consciex vai se desenvolvendo, pode ser convidada a fazer algum nível de curso intermissivo para preparação da proéxis de sua próxima ressonância.

Em um resgate extrafísico em que participei na região da Coréia do Norte, as consciexes assistidas eram todas jovens. Fiquei triste ao ver como viviam, o sofrimento pelo qual haviam passado, mas um amparador auxiliar nos resgates extrafísicos se aproximou e recebi a informação da longa permanência delas no para-hospital. Elas estariam sendo preparadas para ressonar na mesma região onde dessoraram e ajudar a iniciar mudanças no sistema ideológico deles.

Há muitos fatos ruins no planeta mas, em contrapartida, também existe movimento de grandes reurbanizações, de preparo das consciências para fazer a diferença no intrafísico. Observei que muitas dessas consciências estão sendo preparadas para reverter a própria patologia e se interessar pela interassistência.

12. Os animais também são acolhidos extrafísicamente e encaminhados?

Pelo que pude perceber, existem para-hospitais de animais. De tempos em tempos, vejo-me resgatando-os de matadouros, granjas e acidentes.

13. Para você, o que foi fundamental para prestar maior assistência extrafísica?

É fundamental entender por que as pessoas sofrem. Sempre tive esta preocupação. Penso que devíamos ser preparados desde cedo para isso. Quando iniciei os estudos de Conscienciologia, em 2010, com cada projeção ocorrida fui aprendendo a desdramatizar. Muitas vezes perdia o foco porque me emocionava.

Minha maior dificuldade foi deixar a emoção para aceitar a orientação da consciex que está amparando o trabalho assistencial com conhecimento técnico. É preciso confiar no trabalho do amparador para poder dar passividade de modo a ele utilizar nossa energia na assistência. Aprender a trabalhar em equipe é essencial em qualquer assistência, seja ela intra ou extrafísica.

Quando nos qualificamos, vamos atuando ombro a ombro com o amparo e agindo em equipes diferentes, adequadas à demanda do trabalho a ser feito. No entanto, não é sempre percebida por mim a presença dos amparadores ou os vejo através da clarividência.

Nos cursos que fazia no IIPC, logo no início, eu queria muito ver o campo bioenergético e os amparadores presentes. Atualmente, estou focando mais nas minhas reciclagens, no processo de autoconhecimento, o que tem facilitado as desassimilações. Isso aumenta minha lucidez e posso

interagir melhor, trabalhando também com o esclarecimento, ao invés de só exteriorizar energia. Conhecimento e técnica são fundamentais para a profissionalização e consolidação do parapsiquismo. Intensifiquei também, através de exercícios e prática do estado vibracional, o autodomínio energético.

O autoconhecimento ajudou-me a adquirir autoconfiança na assistência, a reconhecer que faço trabalho de alto nível e estou no meu momento mais lúcido, tentando fazer recomposições, promovendo reciclagens intraconscenciais.

14. De acordo com o *Princípio da Descrença*, de que modo você analisa a acuidade e a confiabilidade de suas vivências, sua lucidez extrafísica, suas parapercepções e sua memória?

Aplicar o Princípio da Descrença nas vivências projetivas é processo delicado, exigindo abertismo e flexibilidade. Não podemos acreditar cegamente ou interpretar os acontecimentos vivenciados de forma apriorista. Por outro lado, não podemos também ser sempre totalmente céticos, inseguros quanto as percepções, ou tentar utilizar somente parâmetros e métodos intrafísicos para obter a comprovação das experiências.

Nas minhas circunstâncias, analisar e comprovar as vivências é mais fácil quando sou procurada para averiguar o contexto, ou fazer assistência, a algum ente querido de alguém que está no hospital ou dessorou. A partir daí, habitualmente, com a firme intenção e vontade de assistir, começo a ter projeções com aquelas conscins ou consciexes.

A aplicação da cientificidade para mim está em estágio inicial e, atualmente, estou ciente da importância de me desenvolver neste sentido. Para iniciar, estou buscando analisar minhas experiências através de algumas variáveis, tais como:

A. Considerar a possibilidade da mescla entre sonho e projeção poder distorcer os fatos. Estou buscando parâmetros para diferenciar um do outro.

B. Assumir postura flexível. Apesar das experiências extrafísicas serem bem nítidas para mim, entendo que as vivências podem, se não houver cautela, ser analisadas e interpretadas de acordo com meu desejo, meus condicionamentos e crenças. Estou buscando o máximo de isenção possível.

C. Compartilhar minhas vivências com colegas ou com a pessoa solicitante da assistência. Penso ser bom ter o cuidado, na hora de relatar a projeção assistencial, de alertar o ouvinte para estar aberto a outras hipóteses.

D. Avaliar o grau de rememoração das vivências e sua permanência em minha memória. Considero importante a constatação de continuarem vívidas e ricas de detalhes ao longo do tempo. Ao relatá-las, em diferentes momentos, faço da mesma forma, sem fantasiar, acrescentar ou minimizar as informações. Este, para mim, é um dos fatores de segurança quanto a realidade projetiva.

E. Registrar por escrito as vivências. Nem sempre faço isto, mas cada vez mais tenho constatado a importância deste procedimento para o processo de confirmar se o evento vivenciado foi real. O

registro escrito facilita a junção dos fatos e parafatos, permite a montagem do quebra-cabeça podendo levar a respostas autocomprovatórias consistentes.

F. Observar as sincronicidades e as informações complementares, vindas tanto do extrafísico, por intermédio dos amparadores, quanto da família do assistido, que contribui com mais informações, aferindo o nível de plausibilidade da experiência. Por exemplo, uma vez me foi solicitado, por um amigo, para assistir familiar internado, muito doente, no hospital. Acompanhei seu processo de pós-dessoma. Ela foi recepcionada no extrafísico por consciexes amigas, servindo-lhe chimarrão. Eu não sabia de seu hábito desta bebida e, pelos meus costumes, de todas as opções em um cardápio, nunca iria utilizar o chimarrão na recepção. Quando comuniquei isso ao meu amigo, ele confirmou que aquela pessoa tomava chimarrão diariamente.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

1. VIEIRA, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; 10ª Ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2008.

Elizabeth Pigozzo, professora; graduada em Desenho e Plástica, com especialização em Informática na Educação e Gestão Integrada de Processos e Serviços; voluntária no IIPC desde 2005; docente na IC Orthocognitivus.

E-mail: epigozzo@hotmail.com

Simone Maria Sandi, analista comercial; graduada em Tecnologia em Hotelaria, pós-graduada com MBA em Gestão Estratégica de Pessoas; voluntária e docente do IIPC desde 2011.

E-mail: smsandi@gmail.com